

REVISTA

MANGUEIRA



CARNAVAL 76

Ilustrações de **Tereza Miranda**
Marília Rodrigues
Marília Kranz
Bonfanti
Paixão

UMA EMPRESA 100% BRASILEIRA

Distribuindo o GLP, cumprimos nossa função no desenvolvimento e na integração do país, atuando em 10 estados e proporcionando a mais de 4.000.000 de brasileiros o máximo de

- conforto
- economia
- assistência técnica permanente



MINASGÁS
a chama que satisfaz

A Mangueira agradece às firmas que colaboraram na feitura das suas alegorias:

Yllio Interiores Ltda.

Rua Visconde de Pirajá, 288-s/306 – Tel. 287.2498

Transa Plásticos Ltda.

Rua Anna Nery, 181 – Tel. 234.4302

Alumínio Comércio e Indústria S/A.

Rua Visconde de Niterói, 254 – Tel. 234.8178

Fotografia de Marie Augusta Kaufman

G. R. E. S. **MANGUEIRA**

No Reino da Mãe do Ouro

Samba Enredo de TOLITO e RUBEM para o Carnaval de 76

I

**Caminhando pela Mata Virgem
Bravo Bandeirante Encontrou
Grupos de Nativos Comentavam
O que um Trovão Proporcionou
No céu, sem as Estrelas
Mais um Raio de Luz se Dirigia
À Gruta de uma Alma Encantada
Era mãe do Ouro que Surgia**

**Obaba-Ola-O-Baba
É a Mãe do Ouro que vem
Nos Salvar**

II

**Num Palácio Encantado
Onde um Tesouro Existia
Pedras Preciosas bem Guardadas
Que a mãe do Ouro Presidia
Homens e Mulheres Dominados
Por Imaginações e Alegria
Salões Enfeitados
Em Multicores
Dançavam até o Romper do dia**

**Obaba-Ola-O-Baba
É a Mãe do Ouro que vem
Nos Salvar**

**MANGUEIRA APRESENTA
O ENREDO PARA O
CARNAVAL DE 1976**

***No Reino da
Mãe do Ouro***

Sugestão: José Ananias de Marcelo
Desenvolvimento e Roteiro: Comissão de Carnaval
Alegorias: Bernardo Goldwasser
Figurinos: Eloi Machado

**Comissão de Carnaval: Carlos Alberto Doria (Presidente),
Moacir Castelo Branco (Vice-Presidente), Alcyone Vieira
Pinto Barreto, Arnaldo Felix de Souza, Eli Gonçalves da
Silva, Joel Nobre de Almeida, José Ananias de Marcelo,
Mário Soares Bernardino, Raimundo de Castro, Percival
Pires, Sandro Moreira e Sebastião Setubal.**

25-VIII-75. Natal.

ALCYONE VIEIRA PINTO BARRETO.

Gratas saudações pelo envio das "Imagens Poéticas" do meu velho e sempre-vivo JORGE DE LIMA. Resumi, nos trechos essenciais e bibliográficos, MÃE DO OURO no Dicionário do Folclore Brasileiro, tomo-2º, INL, 1972. Constituirá roteiro suficiente. Sou velho devoto de MANGUEIRA, desde velho tempo do palhinha e camisa listada, ao esplendor contemporâneo. Muito cordialmente -

Luís de Camargo Campos



-three- Miranda/76

No Reino da Mãe-do-Ouro

Bandeirantes, quando varavam as matas na procura de ouro e pedras preciosas, ouviram dos índios que, por um castigo do céu, após um trovão gente virou pedra. A Alma, que por ser Alma não morreu, que não sofreu o castigo, é a Mãe do Ouro, guardiã dos veeiros da fortuna.

A lenda da Mãe do Ouro vindo do Prata sofreu a influência tupi-guarani identificando-se com a Mãe-Ci e Baitatá.

Onde tem fogo tem ouro. Crença de civilizações antigas, atravessando o tempo e o espaço, chegou ao Brasil para se expandir no ciclo do ouro. E os garimpeiros, errantes por seu trabalho e dependentes da sorte, ainda hoje acreditam que para achar riqueza precisam da proteção da Mãe do Ouro, como, também, temem o seu castigo.

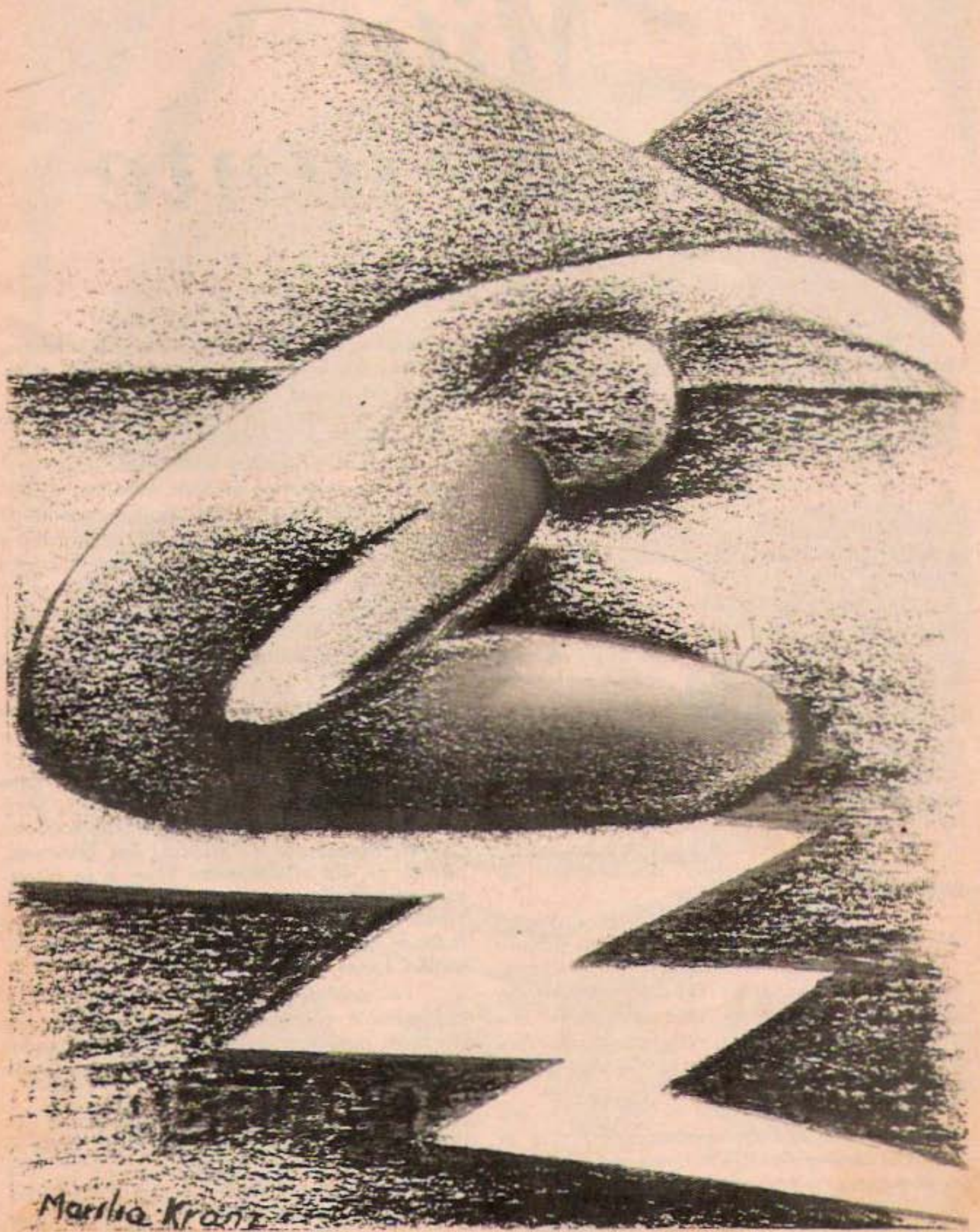
A Mãe do Ouro é a protetora das minas, esconde as jazidas, defende as pepitas e, quando quer, mostra aos protegidos onde encontrar riqueza. Na imaginação popular ela é visualizada em raio que se sepulta na montanha, como uma estrela candente ou em arco-íris que indica o caminho certo aos seus preferidos dando-lhes ouro e pedras preciosas e aos outros sonhos vãos, estes por

mais que procurem jamais encontrarão um tesouro.

O Palácio da Mãe do Ouro para alguns fica no subterrâneo, para outros sob os rios. Às vezes, ela sai pelas tardes com um cortejo de luzes e quando alguém a vê e faz um pedido é servido, mas se ela chama um homem ele larga tudo para acompanhá-la, indo para o Palácio onde os salões são grutas imensas e coloridas, onde há música, danças e alegria.

A Comissão de Carnaval da Mangueira após escolher o tema *No Reino da Mãe do Ouro* fez, por carta, contacto com Luiz da Câmara Cascudo solicitando dados para o desenvolvimento do enredo. O folclorista, em resposta, afirmou ter resumido, nos trechos essenciais e bibliográficos, **MÃE DO OURO** no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, tomo 2º, INL, 1972. Assim, o desenvolvimento do enredo teve por base o consagrado dicionário e a *Geografia dos Mitos Brasileiros*, obras de Luiz da Câmara Cascudo.

A Mangueira, retornando à Praça XI, ao som de sua bateria, envia um saravá ao mestre Cascudo e pede passagem para ao povo apresentar "NO REINO DA MÃE DO OURO".



Marsha Krantz

A Mãe-do-Ouro

Mito

Chamejante

Ana Augusta Cordeiro de Mello Rodrigues

Na voz da sabedoria popular, onde há fumaça há fogo... Tanto concreta como figurativamente, e em muitos sentidos. Que se desdobram, confirmam ou complementam, em fatos e em outros ecos da mesma voz.

Tal como o que da mais remota antiguidade já garantia que "Ubi est ignis est aurum". Ou, brasileiroamente, "onde há fogo há ouro"...

Ora, desde que o mundo é mundo e o homem existe, evolue, se desenvolve, se comunica, tem sonhos e delírios. Descobrir ouro, tesouros, enriquecer, fazer fortuna, é um de seus mais fortes estímulos.

Ao mesmo tempo, o fogo é um de seus numes mais constantes. Que centraliza esperanças, inspira medo, devoções, cultos, lendas, mitos. Em verdade existe toda uma mitografia ígnea, de mil facetas e modalidades, no mundo todo e em todos os povos a partir dos mais primitivos, perdurando mesmo entre os mais civilizados. Mitografia rica de deuses, poderes, símbolos, égides, benefícios e malefícios, tabus, oferendas, proteções, maldições, e assim por diante.

Mas há fogos e fogos, profanos, sagrados, ateados, espontâneos. Fogos da própria natureza, os mais misteriosos, assustadores, intrigantes e fascinantes. Que por isso mesmo são alvo e motivo de uma boa parte das manifestações da simbologia e do mitismo, derivados do fogo em si mesmo, ou que o fogo genericamente inspira.

É perfeitamente razoável e compreensível, que nas áreas de reconhecida concentração de riquezas minerais se desse a convergência e o encontro dessas múltiplas manifestações. Como bom ou mau augúrio, sintoma ou indício, proteção ou guarda. Para confundir, repelir ou guiar,

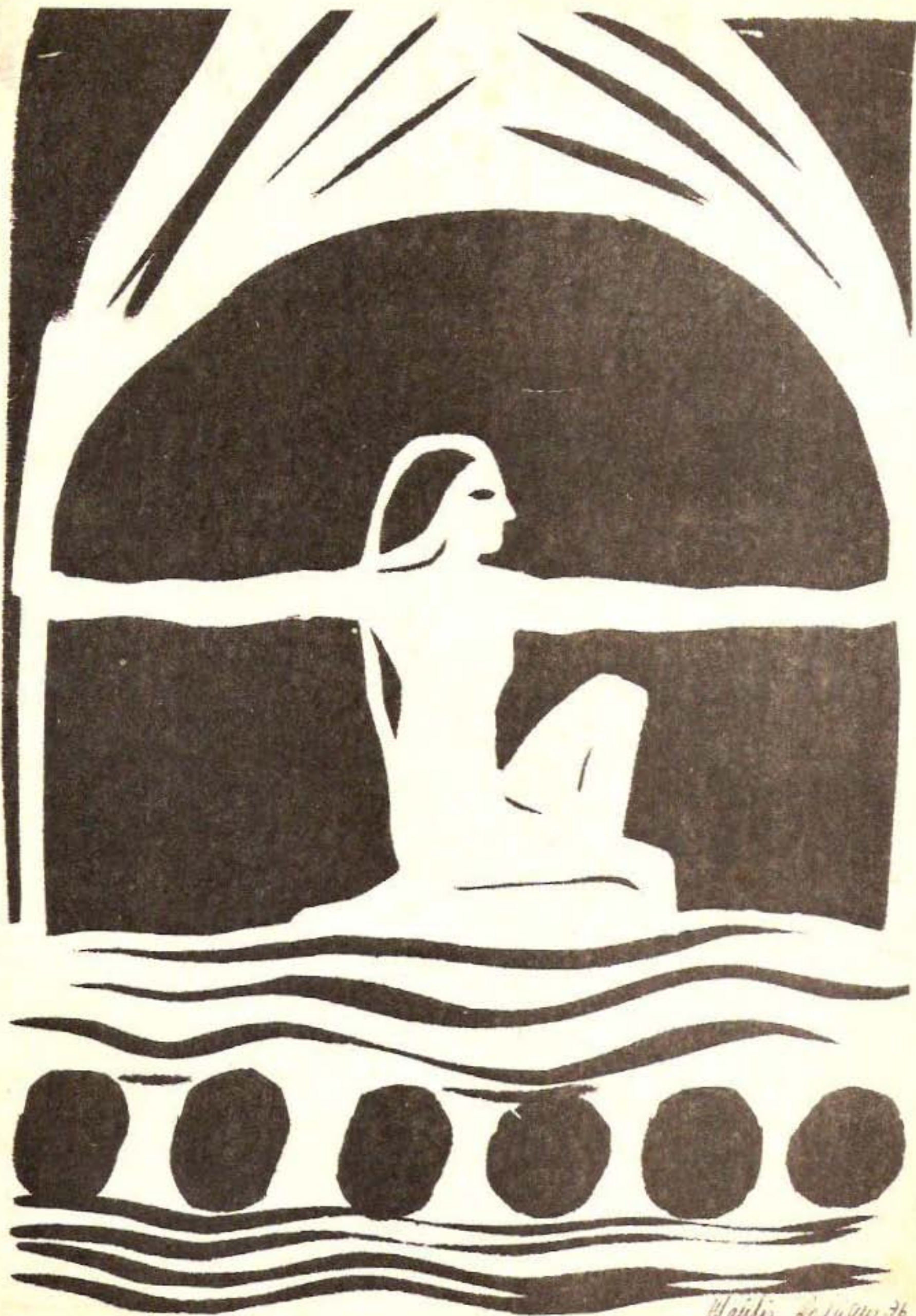
ingênuos e incautos, garimpeiros, faiscadores, missionários, aventureiros, mercedores de favores e prêmios ou de sentenças e castigos.

Em nossa América do Sul, os Incas foram povo minerador e artífice, especialmente ourives. Adoradores do Sol e do Fogo, que representavam por objetos de ouro, bem lhes conheciam os mitos. Muitos dos quais, viajando ao longo dos Andes, alcançaram a Bacia do Prata e o Sul do Brasil, com evidente e inegável ligação missionária. Lado a lado com a catequese, a descoberta de riquezas foi também interesse permanente das "missões" estabelecidas nos pampas, pelos padres católicos, quase sempre jesuítas.

Alguns elementos desse mitismo fogo-ouro não apenas se radicaram, mas se expandiram, com tanto vigor que até hoje ainda perduram e continuam até mesmo se expandindo. Do Prata por todo nosso Sul, Sudoeste e Centro, para Goiás e Mato Grosso, até São Paulo e Minas Gerais. Áreas, por excelência, dos garimpos, das lavras, dos bandeirantes. Nem aí se detiveram e com mais vagar e menos ímpeto ainda foram subindo nordeste acima, descobrindo e fazendo amizade com parentes e afins de origens locais.

Foi, porém, no caldeirão efervescente das bandeiras e entradas, que se encontraram e fundiram com outras formas e versões, vindas de nossa herança africana ou da poranduba indígena.

Desses encontros nacionalizaram-se em brasileiras verde-amarelas e tomaram características próprias, individuais, com elas localizando-se especificamente aqui e ali. Embora sem rigor absoluto, como é normal a todos os fatos da cultura popular, alguns distribuíram-se



Maia de Lemos '76

geograficamente. Assim a "zelação" ao longo do rio São Francisco, em Minas Gerais e áreas limítrofes, como as "salamancas" e os "cerros bravos" no Rio Grande do Sul.

De início e por formação de origem, todo esse vasto e rico conglomerado de fabulosas crendices, histórias e lendas, derivava e era provocado pelo ouro. Exclusiva e unicamente pelo ouro, traduzido em fogo, fascínio, busca, ambição, miragem, loucura.

Aos poucos, sem bem se saber como, sem motivos ou processos nítidos e identificados, foram se abrindo, entremeando. Ocasional e erráticamente, aqui, ali, acolá, estenderam-se às esmeraldas, diamantes e rubis, à prata e ao cristal, a palácios, cidades, grutas encantadas, abarrotadas de tesouros, de todas as riquezas em pedras e metais preciosos.

Assim as "salamancas", grutas encantadas, cavernas mirabolantes de ocultos tesouros, profundas e impenetráveis ao comum dos mortais. Somente o forte, bravo e estóico, que resista às tentações e terrores que o defrontem, consegue conquistar as fortunas e favores que podem proporcionar. Das muitas "salamancas" existentes e conhecidas no Rio Grande, a mais famosa é a "do Jirau", no Cêrro do mesmo nome, na linha divisória entre o Brasil e o Uruguai.

Por toda a parte os próprios cerros e montes que ocultam riquezas em suas entranhas, guardam-na com ciúmes e braveza. São, no Sul, os "cerros bravos", que se defendem e apavoram os garimpeiros com estrondos, bramidos, explosões.

Além dos cerros, as "lagoas bravas", assustadoras com seus gemidos e queixumes, as "lagoas douradas", as cidades encantadas, o El-Dorado mítico e fabuloso...

Todos e cada um desses locais, minas ou esconderijos, têm seus guardiões e defensores mágicos. Dos quais o mais geral, sem restrição de área ou local, difundido por todo o Brasil, é o próprio fogo, vivo e ardente.

Assim como seus mitos e formas confundiram-se com os do "ciclo do ouro", na aculturação das várias origens fundiram-se as nomenclaturas que o classificam, de acordo com a forma e o comportamento — bolas, chamas, clarões, relâmpagos.

Chama luminosa ou "tocha" flamejante e rodopiante, a soltar fagulhas, que corta o céu, pousa nas rochas mergulha nos vales. É a mãe-de-ouro ou o tupi "baitatá" de tantos significados como apelidos locais — peru, avestruz, cobra ou serpente de fogo. Mina de ouro em movimento, "diabo" levando a fortuna para outro lugar ou para alguém de seu pacto...

Ou é a "zelação", de Minas Gerais e do rio São Francisco? Estrela que corre e desaparece, bola de luz rebrilhante de esperanças, serpente mãe-do-ouro vivo e encantado. Que se desencanta, com gotas de sangue "virgem" de um talho proposital no dedo do ousado que a persegue. Fusão e desdobramento dos atributos mágicos da "estrela cadente", "zelação" ou "inhalção", que através de Portugal nos chegou por sucessivas heranças desde a antiguidade caldaica.

A mesma estrela cadente que também se chama mãe-do-ouro e "meteoro" em Mato Grosso. De Cuiabá, cidade fundada e nascida por causa das minas, vem a hipótese de uma etimologia que transforma a palavra em "mãe-do-ouro". A imaginação e a fantasia são soberanas, e meteoro pode ser mater-aurum, mater-ôro, madre-ôro, mãe-de-ouro...

Seja como for, quem vê passar ou cair um "meteoro", fica sabendo que a mãe-de-ouro mudou-se. E em sua devoção ou homenagem propiciatória, as mulheres põem um objeto de ouro na bacia do primeiro banho do nenem, para que cresça em homem rico e poderoso como a "madrinha" a que o filiam, a "Mãe do Ouro". A mais difundida, dominante e arraigada denominação do mito, por nosso Brasil afora.

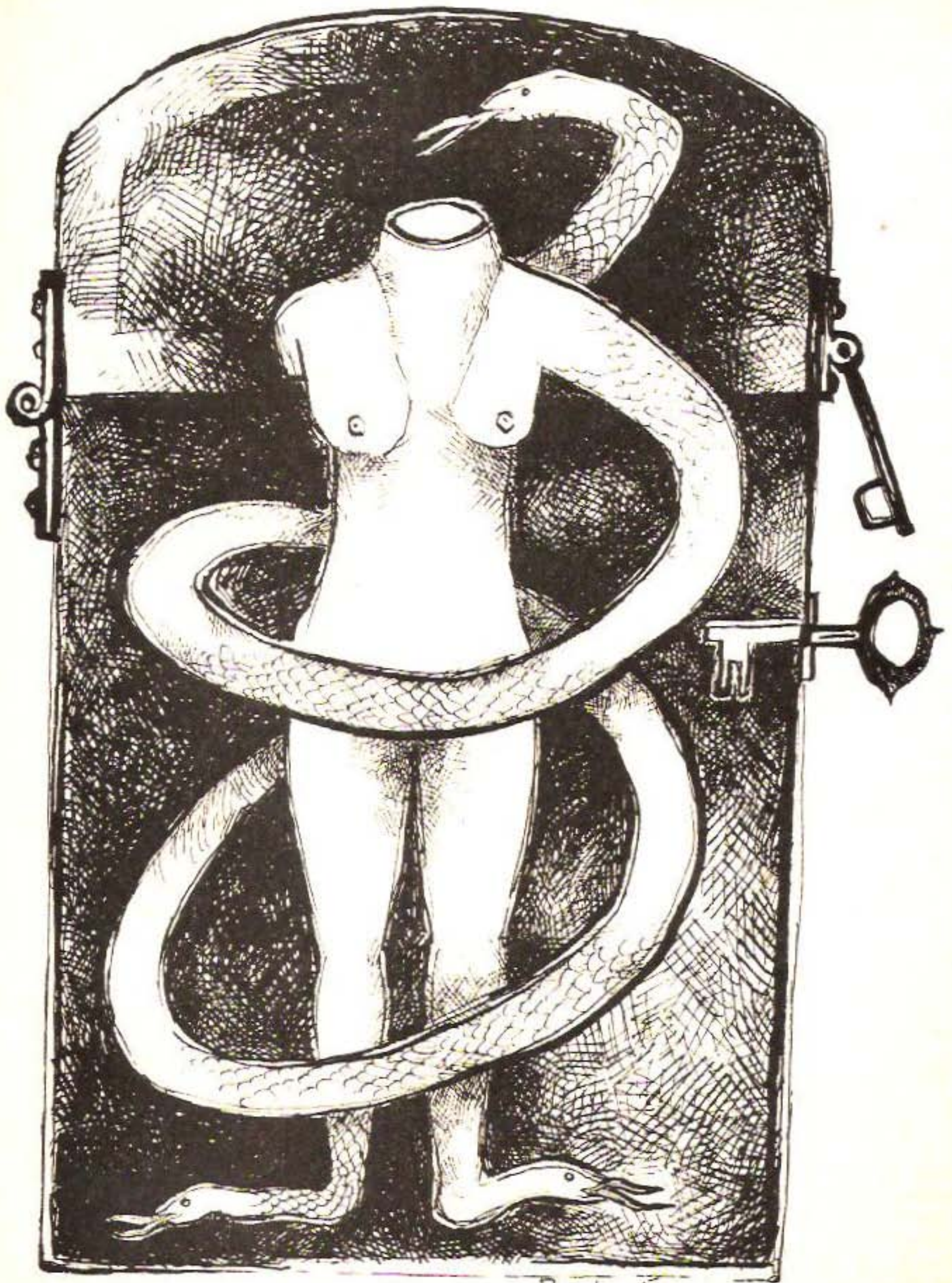
Onde há fogo há ouro... O que leva Cascudo a concluir: "A égide das minas, madrinha dos veeiros, padroeira dos filões, defendendo pepitas e escondendo jazidas, só podia ter a forma de chama, lume, que denunciava o metal rutilante e a um tempo o custodiava. Seria inicialmente apenas um clarão seguido pelos trovões. O relâmpago dizia a direção da Mãe do Ouro, os trovões a sua cólera".

Assim é que tem sido desde sempre conhecida na Bacia do Prata e no Rio Grande do Sul. Em cujo lendário tem situação destacada, de tão geral que é. Fixada por Granado Alberto Cunha e por todos os posteriores folcloristas gaúchos, sua versão mais difundida é a registrada por Simões Lopes Neto, em seu "Lendas do Sul".

"O que hoje serra de pedra já foi gente vivente: foi gente num tempo muito antigo, e por castigo do céu endureceu de repente e caída ficou onde estava..."

Onde estavam sozinhos ficaram serros e serrotes; onde estavam apinhoados ficou a serraria encordoada.

E os seus ossos aí estão acimentados, em pura pedra virados; a carne que os cobria deu terra negra; os cabelos são os matos, matos que bebem o sangue, que nos parece a nós apenas cascatinhas e vertentes; os lugares ocultos que aparecem são os buracos do seu corpo, da sua



Bon/anti

boca e olhos, do seu nariz e ouvidos... As veias deram em ferro, e os nervos, como parte delicada, viraram-se em ouro e são os veiros amarelos que se entranham por aí embaixo, a dentro da crosta, tal e qual como os nervos estão entranhados na carnadura da gente.

Mas o que governa tudo, que não se sabe o que é, que é a Alma, que não morreu, essa é que é a Mãe do Ouro porque ela não entrou no castigo, é que defende os nervos dos castigados, os veiros da fortuna, para que no dia do Perdão cada um ache o que seu é...

Aí está porque, quando tropeja, tantos raios caem sobre certos serros e tanto ventarrão esbarra neles... é a Mãe do Ouro que chama socorro...

Às vezes rebenta um serro deste, com estrondo grande; se é de noite, no fogo que se vê sair, vai a cuidadeira de mudança para outro; se é de dia, é sempre no pino do meio-dia, e na luz do sol que encandeia os olhos, apenas sente-se o rumo que ela toma, só o rumo, mas não o lugar novo em que ela vai fazer morada nova.

Essa a Mãe do Ouro, em que os mitos do fogo se fundem aos do ciclo do ouro que ao mesmo tempo se assimila aos meteorológicos, na "zelação". Que se incorpora ao mitismo indígena na identificação com a figura de Mãe-Ci e com o mbaitatá e se fantasia de mito sideral em suas peregrinações pelos pampas.

Fenômeno luminoso, ígneo, onipresente e incontestável, conhecido e reconhecido em todo o país. Hoje, em processo de assimilação aos mitos espaciais... Que surge, corta o céu, mergulha mais adiante em grotas, lagunas, morros ou cerros onde esconde seu tesouro. Às vezes, num rasgo generoso, deixa cair à flor da terra uma porção de ouro, para quem lhe acompanha o percurso e encontra o exato ponto em que sumiu.

Que sem dúvida subiu do Prata e veio fixar-se em nossas províncias mineradoras. Eis o testemunho, registrado por Teschauer.

"Há uns 50 anos rebentou com grande estrépto um pequeno cerro dos muitos que contém o ondulado terreno Uruguai. Qual teria sido a causa deste fenômeno? A Mãe-do-Ouro que se foi para o Brasil, em cuja direção iam os lampejos que despedia e se dava o estampido..."

Fogo e ouro, sintetizados e simbolizados na Mãe do Ouro. Mito feminino, Mãe, pela influência da nossa teogonia indígena, tupi-guarani.

Que estabelece uma "Ci", Mãe-Criadora, para todas as coisas, plantas, bichos, pedras.

Como também para todos os fenômenos e forças da natureza.

Sendo Feminina a "Mãe", se explicam as formas antropomórficas que assume. No Paraná é "mulher sem cabeça", influência talvez da nacional "mula sem cabeça". Sem cabeça, sim, mas como mito, como ser fabuloso que se preza tem basta cabeleira de longos fios de ouro, que os afortunados às vezes encontram por onde passou.

Vive em baixo das serras, encarregada de guardar o ouro subterrâneo, em função de "Mãe" protetora. Na de Itupava, trecho da de Cubatão, entre Morretes e Antonina morava uma que por vezes foi vista por algumas pessoas da localidade, segundo registro de Vale Cabral.

A lenda colhida por V. J. Taborda explica como e por que foi degolada.

"Lá na Serra do Itupava, nos começos de 1600, havia ouro em muitos garimpos; os faiscadores bateavam o cascalho nos riachos de águas límpidas que desciam buscando o mar. O acampamento onde morava formou o povoado de Vale Porto, que depois tornou-se a cidade Antonina.

Uma vez desabou uma tempestade de chuva e vento tão furiosos, que de medo fez todos pararem a bateia. Somente um escravo, Jerônimo, negro forte e brioso, continuou a faina. Não fosse o senhor acusá-lo de malandragem.... De repente, entre luvadas e estrondos, viu uma bola de fogo, rodopiante, que se internou num escavado da montanha soltando chispas e fagulhas. Lindo, lindo! que seria? O negro largou o trabalho e foi procurá-la, subindo com esforço até bem lá no alto, onde a vira sumir. O temporal passou e ele conseguiu chegar aonde queira. E junto de uma pedra chata, que parecia lavrada, viu uma mancha amarelada o chão — era ouro, ele bem que sabia! Pegou um punhado de pepitas e começou a cata, embevecido. De repente, viu a seu lado um vulto rebrilhante de uma mulher branca como o lírio, de longos cabelos cor de ouro. Os olhos verdes eram bondosos, o sorriso meigo, parecia uma santa.

Jerônimo ajoelhou-se, pediu-lhe a bênção e ela falou.

— Vim te ajudar. Leva o ouro a teu senhor, ele ficará contente contigo, mas não contes o que viste. Voltarei outras vezes. Adeus!

Assim fez o escravo:

— Onde achaste tanto ouro, Jerônimo?

— Na "grupiara" do Itupava, senhor.

O amo duvidou, tantou ouro de uma só vez...



= 7 = 7 = 11

= 7 = 28 = 10 = ④

Handwritten signature or text at the bottom left of the drawing.

Handwritten signature or text at the bottom right of the drawing.

— É verdade, juro. Mesmo com a "tribusana" trabalhei sem parar, meu sinhô.

— Negro, não mente, olha lá...

E Jerônimo, calado, continuou trazendo ouro em abundância, enriquecendo o amo.

Conversas, opiniões, pensamentos, foram se infiltrando em sua mente e o tornando macambuzio. Se enriquecia o amo, porque não se garantir com um pouco de ouro para comprar a liberdade, a alforria, e tornar-se um homem livre? E foi o que passou a fazer: todo dia escondia um pouquinho de ouro numa gruta próxima. Até que surgiu de novo a Mãe do Ouro e o repreendeu: Por que roubava? e o fez prometer, ou deixava de roubar, ou nunca mais ela o deixaria achar uma única palhetinha de ouro!

Trato feito, a bela entidade perdoou e continuou protegendo o escravo. Mas nele a revolta contra a escravidão continuava cada vez mais viva, o sonho da alforria cada vez mais ardente. E sorrateiro voltou a esconder seu quinhão de ouro!

— Jerônimo, Jerônimo, continuas a roubar. Abusaste do meu perdão e da minha confiança e terás o castigo. Nunca mais acharás meu ouro. Vai cuidar de outra coisa pois de mim não terás mais nada!

— Senhora, Mãezinha do Ouro, não me faça isto! Juro, juro (por tudo) que não roubarei mais, me perdoe! Se eu não achar mais ouro o sinhô me mata!

— Já te disse que não. Traíste meu perdão, vai-te daqui!

O negro desesperado enlouqueceu de cólera e revolta. Queria, tinha de ser livre! Em gesto rápido e feroz, de um só golpe do machado decepou a bela cabeça loura, que roulou serra abaixo e perdeu-se numa gruta.

Do tronco ferido jorrou o sangue, com tal força e tanto como não se podia acreditar. E do ferimento o negro apavorado viu o sangue rubro que esguichava transformar-se em basta cabeleira fulva, de fios de ouro, que o vento soprando fazia dançar como labareda.

O escravo enlouqueceu de vez até morrer nunca mais falou de outra coisa, torturado de remorsos e pesar. Quanto à Mãe do Ouro, entranhou-se na serra e os moradores do lugar vez por outra viam seu vulto ou ouviam sua voz. E sabiam que era ela, a guardiã das minas da serra do Itupava..."

Depois de longas andanças vindo do sul para leste, aproveitando, inclusive a companhia dos guaranis, o mito instalou-se nas terras da mineração, São Paulo e Minas. No ambiente das bandeiras caçadoras de ouro e riquezas, conviviam intimamente os mamelucos e indíge-

nas, mais do que brancos reinóis e negros. A mestiçagem étnica só facilitou as das heranças culturais, juntando e fundindo todas as contribuições e influências. Que modelaram o ciclo mítico no que ainda hoje é e conhecemos.

O folclore "bandeirante" que daí resultou, alicerçado em São Paulo, é padrão básico para o de Minas e de seus outros vizinhos. Na facilidade e rapidez da transmissão oral, na credulidade e esperança dos faiscadores, expandiu-se e irradiou-se da própria expansão geográfica das bandeiras para oeste. Mais tarde, passando essa época da corrida do ouro, a Mãe do Ouro vai aos poucos perdendo sua função protetora, sua missão. Converte, então, naturalmente, para os mitos já permanentes na memória coletiva. Toma outras formas e permanece viva.

Como nesta versão de Mato Grosso:

"A mulher que chamam Mãe-do-Ouro é uma "realidade". Em Rozario, a montante do rio Cuiabá, morava, onde agora está a capela, um senhor cruel cujos escravos diariamente tinham de entregar ouro. Um negro velho, Pai Antônio, durante uma semana inteira não encontrou nenhum e vagueava cabisbaixo pela zona, temendo o castigo. Viu, então subitamente, uma mulher, sentada, branca como a neve, e com linda cabeleira loura. Perguntou-lhe a mulher pelo motivo de sua tristeza, e disse-lhe:

— Vai comprar-me uma fita azul, vermelha e amarela, um pente e um espelho. O preto arranhou as coisas pedidas e voltou com elas. A mulher indicou-lhe um lugar, ele tomou a bateia, encontrando muitíssimo ouro, que foi entregar a seu dono. A mulher, porém proibira revelar o lugar em que achara o metal. Pai Antonio foi então maltratado e açoitado todos os dias, até que desesperado, foi novamente procurá-la. E de fato encontrou-a com seu lindo cabelo reluzente como ouro, e ela permitiu-lhe denunciar o lugar do achado. Mandou dizer ao dono que cavasse aí com todos os seus homens e haveria de encontrar um grande pedaço de ouro.

O patrão trabalhou com 22 escravos; acharam grande quantidade de ouro, que continuava para o fundo como um tronco de árvore, de tal modo que até nem foi possível alcançar a base.

A mulher, porém, mandou o escravo, que no dia seguinte, pouco antes do almoço, pedisse licença para se retirar um pouco antes do meio-dia. O patrão e seus homens, que foram cruelmente açoitados, trabalharam desespera-

damente para tirarem o tronco de ouro. Pouco antes do meio dia disse Pai Antonio "Estou com dor de barriga" e afastou-se. Dentro de pouco ruiu tudo, o patrão e seus homens foram soterrados e nunca mais foram vistos.

Pai Antonio viveu ainda muito tempo e chegou a mais de cem anos de idade. Basenando-se em sua narração uma sociedade anônima de Cuiabá realizou grandes escavações. Diz a lenda, colhida por Von Den Steinen, mas não informa o resultado.... "

Em São Paulo o mito sofreu nova transfiguração e infiltrou-se no ciclo das Mães d'água. A Mãe do Ouro registrada pelos folcloristas paulistas mais recentes e contemporâneos mora em gruta, sim, mas no meio do rio. Cerca-se de peixes, embora continue atravessando os ares num cortejo de chamas, luzes e estrondos. Tem encantos e crueldades de lara, e em voz sedutora atrai, desvia e desgraça os homens. Como conta Cornélio Pires:

"... a Mãe-de-ôro" ... é má pra quem bole co'ela. Mora nas grotas, nos rios, em toda parte, mas ai de quem perseguir! O jeito largá familia, amigos, larga tudo "mor' de'ela"! Num ai munto tempo passô no céu, ali pro riba do chapadão, uma "mãe-de-ôro" ... Uma bola de fogo que foi rebentano pros quinto..."

Também de São Paulo, a Mãe de Ouro em versão aquática, recolhida por Veiga Miranda.

"Lá em baixo, muito longe, onde as águas varavam por um subterrâneo, morava a Mãe do Ouro. Às vezes saía, pelas tardes, com um longo cortejo de luzes de todas as cores, atravessando pelo céu, serenamente, como se fosse um desses papagaios de papel, que as crianças soltam ao vento em agosto. De sua cabeleira de estrelas iam caindo todas, uma a uma, apagando-se e virando pedras. A mulher que visse soltar-se uma dessas luzes e fizesse um pedido antes de ela apagar-se, seria servida pela Mãe do Ouro. Mas ficar-lhe-ia pertencendo para sempre; todas as noites, enquanto dormisse, seu corpo sairia todinho da pele, sem ninguém perceber, sem a própria pessoa no dia seguinte, lembrar-se, e ia aparecer no palácio da Mãe do Ouro. Ali se realizavam festas maravilhosas, as mulheres mais lindas, casadas e donzelas, compareciam, envoltas em roupagens riquíssimas e transparentes, vendo-se umas às outras, mas sem se poderem falar, sem se poderem tocar, com os cabelos transformados em algas luminosas, com as pernas justapondo-se, confundindo-se e alongando-se, em forma de cauda de peixe..."

Quando uma rapariga se erguia do leito fatigada, de olheiras fundas, diziam vezes:

— Coitada! Passou de certo a noite no Palácio da Mãe do Ouro... Sabe Deus a troca de que favores andaria essa tontinha por lá..."

Essa lenda comprova a saciedade a acomodação das duas Mães de nosso mitismo folclórico. A tal ponto se uniram que na Serra de Botucatu, um "grotão cascata" está sempre sob vigilância dos caboclos próximos, certos de ali morar a Mãe do Ouro como informa Cornélio Pires.

O repertório mítico em Minas Gerais, província do ouro por excelência, revela-se um prolongamento do de S. Paulo. Acrescentado dos tempeiros mineiros, é lógico. Os mitos europeus, pampanos indígenas para lá foram levados, plantados e implantados. O trabalho do garimpo, da mineração, acrescentou-lhes outros elementos distantes, inclusive os negros.

Tanto para o folclore mineiro como para o de São Paulo, como para o das províncias suas vizinhas, foi fundamental a ação dos bandeirantes em sua formação e distribuição. Que corresponde e coincide com as áreas geográficas alcançadas pela expansão paulista. Que em suas jornadas e bandeiras o difundiram e tornaram a Mãe do Ouro um de seus mais belos, curiosos e ricos personagens.

BIBLIOGRAFIA:

Meyer, Augusto — Guia do Folclore gaúcho; Cascudo, L.C. — Antologia do Folclore Brasileiro; Cascudo, L.C. — Geografia dos Mitos Brasileiros; Cascudo L.C. — Dicionário do Folclore Brasileiro; Ribeiro, Joaquim — Folclore dos Bandeirantes; Donato Hernani — Dicionário das Mitologias Americanas; Magalhães, Basílio — O Folclore no Brasil; Magalhães, Couto — O Selvagem; Lopes Neto, J. Simões — Lendas do Sul; Ribeiro, José — O Brasil no Folclore; Teschaner, Pe. Carlos — A lenda do ouro; Pires, Cornélio — Conversa ao pé do fogo; Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro — vol. VI, pág. 29; Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro — vol. IV e V — A bola de fogo; Laytano, Dante — Lendas do Rio Grande do Sul.

Ana Augusta de Mello Rodrigues, folclorista, assessora cultural da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Assessora Cultural do Projeto Minerva, Membro da Comissão Estadual de Folclore, Presidente do Conselho de Cultura de Campos, colaboradora da: Revista Brasileira de Folclore, Revista Fluminense de Folclore, Revista Brasil, Açucareira e Colóquio Internacional Luso-Brasileiro e Congresso Internacional de Etnologia e Filologia de Porto Alegre.

AS ÁGUAS = ILKA (Destaque)
 OS PEIXES = ALAS DOS "INTOCÁVEIS" E "ESFORÇADOS"

HOMEM PEIXE E SEREIA = LAERTE E MARILENE (Destakes) JORGE BARBOSA (Destaque)
 ENTE SOBRENATURAL GRUPO "TONINHO DE OXOSSI"
 ENTE SOBRENATURAL EDITH (Destaque)
 ARCO IRIS ALAS "BRASINHAS, BRASÕES",
 LUZES AZULADAS "NOBRES" E "SAMBRASA"

O GÊNIO WILSON (Destaque)
 GUARDIÕES ALA "SÓ VAI QUEM PODE" E GRUPO "SORRISO NO CAMINHO"

Passistas: ANNIK, CARLOS ALBERTO, MIRO, PURURUCA, ELIANE, VALERIA, SUELI E DAYSE

DAMA DE CORTE TEREZOCA (Destaque)
 GUARDIÕES ALA "COMIGO NINGUÉM PODE"
 Passistas: IRENE, JUPIRA, VANINHA, LUCRECIA, BONECO E INDIO
 GUARDIÕES ALAS "NÓS SOMOS ASSIM", "GRANFINOS" E "DEIXA ISSO PRA LÁ"
 A MÃE DO OURO MARIA HELENA (Destaque)

2ª Alegoria - A GRUTA ENCANTADA

Passistas: ROSEMARY, GARGALHADA, EDINHO, ANA MARIA, NEIDE, VILMER E LAURA REGINA

GUARDIÕES ALA "CHOVE NÃO MOLHA" E GRUPO "EMCIMA DA HORA"
 CHUVISCO IONE (destaque)
 GUARDIÕES GRUPO "PROBLEMA É SEU"
 DAMA DA CORTE ELVIA (Destaque)
 PRINCIPE ENCANTADO ALAS "MILIONÁRIOS DE PARIS" E "PRÍNCIPES"

Passistas: ELIONE, CARLSON, LUIZ ALBERTO, JUCEMAR, REGINA E ROXINHA

MULHERES ENCANTADAS GRUPO "AS AMAZONAS"
 LUZES ROSAS ALAS "INVENCÍVEIS E FIDALGOS"
 DAMAS MARGARIDA E DOLORES (Destakes)
 VASSALOS E DAMAS ALAS "ALIADOS" E "FIRMEZA"
 O RAIO EDINA (Destaque)
 LAMPEJO OSCAR (Destaque)

Psssistas: RONALDO, FERNANDO, JOÃO JOEGE, MARY, DALVANES, ANGELA E NINA

MENSAGEIROS DO GÊNIO ALA MIRIM (Masculino)
 ALA BAIANAS DESTACADAS
 ALA MIRIM (feminino)
 BAIANAS TRADICIONAIS

1º M. SALA E P. BANDEIRA ROXINHO E NEIDE
 ALA DA BATERIA
 BAIANAS DA BATERIA
 RAINHA E PRINCESAS DA ALA DA BATERIA
 ALA DOS COMPOSITORES
 ALA DOS BOÊMIOS
 ALA "SÓ PARA QUEM PODE"
 ALA DOS "PERIQUITOS"

A Bateria da Mangueira

Homero José dos Santos (Tinguinha)

A Mangueira sempre bota surdo de marcar: surdo de marcação é aquele maior, como se diz aqui, o 205. Depois vem o surdo-mor, menorzinho um pouco, e, logo após, o surdo de repicar, que é menor ainda. Em seguida, aparecem o tarol, a caixa de guerra, o tamborim, pandeiro, cuíca, agô, chocalho e reco-reco.

Estes são os instrumentos com que a Mangueira tradicionalmente desfila. Nós não admitimos pratos nem frigideiras na Bateria da Mangueira; pelo menos até agora, temos mantido exclusivamente esses instrumentos. Eu acho que prato é instrumento de banda, ou de bloco, e não combina mesmo com a nossa batida.

Nós dispomos os instrumentos da Bateria da seguinte forma. Numa fila ficam: o surdo grande, surdo de marcar, surdo de repicar, tarol e caixa de guerra. Depois, numa fila só vêm os tamborins, depois reco-reco, também numa fila só; cuíca, pandeiro, etc. cada qual numa fila só. Nós procuramos manter uma certa proporção entre os instrumentos para evitar que um fique mais alto do que os outros e proporcionar um ritmo mais suave ao ouvido do espectador.

Os instrumentos pequenos, como o tamborim, o reco-reco e o chocalho, são muito importantes. Eles dão muita vida e um ritmo formidável. Eles influem muito sobre a Bateria, principalmente quando nos encontramos em ensaio; são eles que criam aquele mundo diferente de sons dentro da Bateria.

A Mangueira se distingue pela batida e se destaca bem. Quando vêm dez Escolas

de Samba, pode-se reconhecer a Escola de Samba de Mangueira, antes mesmo de vê-las, só pela batida. Isto é muito importante!

E assim a marcação do surdo da Mangueira: quando arreia uma vaqueta no surdo, todas as outras arreiam ao mesmo tempo. Enquanto as demais Escolas fazem um balanço, nós não podemos. Quando um surdo nosso bate ao contrário, manda-se parar: a batida é uma só.

Esta batida vem desde a fundação de nosso primeiro surdo, que foi Lúcio Pato, falecido. Naquele tempo, ele era o único surdo que tocava na Mangueira. Hoje é que a Mangueira tem um mundo de surdos, mas antigamente só havia um. Quando passamos a dois, depois a três, fomos conservando a batida, que era uma só. Com os anos nós fomos crescendo, mas quando a Mangueira vinha desfilar, ouvia-se aquilo de longe. Tem até um samba de Padeirinho que diz:

“A Mangueira é conhecida
Só pela batida
Deixa muita gente comovida
Ora veja você!”

Homero José dos Santos foi fundador da Ala de Bateria de Mangueira, e seu Presidente durante vários anos. Ocupa desde 1968 o cargo de Vice-Presidente da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

As Alegorias

Bernardo Goldvasser

"Raio de luz que se sepulta numa montanha, como uma estrela candente, como uma bola de luz", "arco-íris, gruta encantada", "luzes coloridas... pepitas de ouro e pedras preciosas... cotejo de luzes... dança, música e alegria".

A impressão mais profunda que me ficou da leitura da lenda foi a visão de sonho e fantasia, luz e cor e a imensa riqueza plástica sugerida pelo tema.

Mais uma vez, a Mangueira apresenta seu enredo de imaginação e encantamento!

Os três carros, aí compreendidos o Abre-Alas e duas Alegorias, representam, na ordem do desfile, respectivamente: o Arco-Íris, a Bola de Luz (ou estrela candente) e a Gruta (ou Palácio) Encantado.

Procurei tirar partido do conhecido tremido dos carros alegóricos ao serem movimentados, incorporando-o como elemento de dinamização de suas formas. Assim, parte mesmo do movimento dos carros é dado pelo cintilar de luzes, espelhos e acrílicos refletindo-se mutuamente.

Os carros são constituídos basicamente de uma plataforma horizontal ou base; e uma estrutura vertical leve e metálica, sobre a qual são aplicados, suspensos por fios de aço, espelhos e acrílicos que giram livremente ao balanço natural do carro. Deste modo, os focos de luz da decoração da Avenida e dos refletores para as câmaras de TV, incidem sempre sobre grande superfície da alegoria, com grande efeito de luz, leveza, transparência e movimento.

No sentido de racionalizar a execução das alegorias, dando ao mesmo tempo unidade plástica ao conjunto, os elementos de acrílico e espelho são modulados, sendo idênticas nos três carros, sua fixação por meio de fios de aço à estrutura do carro.

Como intenção, um trabalho de pesquisa quanto ao efeito, brilho e reflexo dos materiais adotados, e como resultado uma forma atual.

O Abre-Alas é representado por um arco-íris luminoso e transparente, que é uma das formas sob as quais é visualizado a Mãe do Ouro. A estrela brilhante e prateada da plataforma do carro sugere uma rosa dos ventos, reforçando o significado da orientação do Arco-Iris na direção dos tesouros repletos de pedras preciosas e ouro.

O segundo Carro-Bola de Luz ou Estrela Candente surge como uma explosão de luz, provocado pelo movimento de dois mil e setecentos espelhos, cobrindo uma esfera dourada, com a base incandescente sugerida pela intersecção dos triângulos de acrílico projetando e recebendo nos espelhos uma imagem de fogo, luz e cores. É uma outra visão da Mãe do Ouro nos garimpos, representada como "um raio que se sepulta numa montanha, como uma estrela candente, como uma **bola de luz**".

O terceiro carro representa o Palácio Encantado. Toda uma atmosfera de sonho e imaginação é simbolizada neste carro.

Um conjunto de cinco salões, de formas arredondadas e suaves, formando o teto abobadado delineiam o Palácio Encantado. A Gruta é então sugerida por uma série de tubos de P.V.C., estilizando as estalattites suspensas nos tetos, pintados com tinta fosforescente, dando cores aos Salões, juntamente com as luzes coloridas. Delicadas silhuetas em metal prateado quase transparentes dão a visão das mulheres encantadas em suas danças músicas e alegrias, com seus cabelos transformados em algas luminosas, com as pernas justapostas, confundindo-se, alongando-se em forma de cauda de peixe.

O Rio sobre as grutas encantadas é simbolizado por um panejamento de gaze formando "coxins, tapeçarias, leitos macios, condensando-se, colorindo-se, erguendo-se em doces"...

A volta do Palácio, pepitas de ouro encrustadas em cristais de rocha, e pedras preciosas, mantêm o encantamento dos Salões.

Volta às origens

Fernando Zerlottini

A organização de hoje, o luxo, a pompa — chega a ser difícil imaginar como as escolas de samba chegaram a tanto. Pois quando surgiram elas eram a própria marginalia. As Grandes Sociedades tinham gente conhecida, escritores, comerciantes, figurões da época. Os Ranchos eram quase todos formados por operários de fábricas. Umas e outros desfilavam em ruas “elegantes”, no Centro. As escolas iam para perto do Mangue, para a Praça Onze. O velho Cartola, fundador da Mangueira, que escolheu o verde e o rosa para suas cores, contou em depoimento recente, como era violento o clima em que se desenrolavam aqueles carnavais:

— Nós tínhamos aí um bloco, um bloco de sujo. E tinha os blocos de Tia Tomásia, Mestre Candinho. Esses eram os blocos organizados. Nós éramos desorganizados, saíamos de qualquer maneira. Então, resolvemos organizar o nosso próprio bloco, organizar o Bloco dos Arenqueiros. Esse bloco era a turma da pior espécie, era o que não prestava, a turma que não valia nada. Saía no carnaval não para brincar, mas para brigar.

O carnaval fez o caldeamento mais depressa do que se poderia imaginar. Basta dizer que muita gente daqueles idos de 1928, que está aí para contar a história, que ajudou a construir a velha sede do morro, também viu surgir o

Palácio do Samba com o seu concreto aparente, seus azulejos exclusivos, a iluminação a vapor de mercúrio. Viu a organização suceder à desordem, a hierarquia conviver com o espírito comunitário. A Mangueira cresceu como as outras escolas, aperfeiçoando-se com elas. Para muita gente, cresceu até demais.

Por isso mesmo, é boa esta volta às origens. A Praça Onze de Junho, a rigor, já não existe, embora o Mangue persista ali perto. As Grandes Sociedades, os Ranchos, mesmo os Blocos são outra coisa, como outra coisa é esse desfile cronometrado, televisado, um rio de luxo montado sobre a beleza do samba. Para a Mangueira, que começou na Praça Onze o seu estuário, o novo roteiro do desfile nem chega a ser um cenário novo. Ela volta para brigar, como antigamente. Apenas, são outras as armas, o espírito da luta segue normas — digamos — civilizadas, e o arsenal de que cada escola lança mão já não tem nada a ver com um passado esquecido no tempo. Mas se a Praça Onze estivesse incólume, como há quase cinquenta anos, certamente os seus coqueiros voltariam a tremer de entusiasmo, com essa emoção que o povo sente quando a passarela se colore de verde e rosa, que são as cores do céu quando nasce a aurora.

Declaração de amor

Sérgio Cabral

Felizmente, o samba «Os meninos da Mangueira» está fazendo um grande sucesso em todo o Brasil. Para um compositor de um ano de carreira até que não é mal. Mas as pessoas estão dizendo: "o Sérgio se revelou: ele é mangueirense", o que, para uma pessoa que vive de escrever sobre escolas de samba, é — mais do que uma acusação — uma bandeira. De agora em diante, qualquer opinião que eu dê no jornal, no rádio ou na TV encontrará sempre um comentário levantando uma certa suspeição sobre meus conceitos.

Não faz mal: compro a briga. Acho que todo carioca que gosta de samba é mangueirense. Mesmo que ele seja portelense, salgueirense, imperiano, vilaisabelense ou emcimidahorense que, no meu caso, se aproxima mais da verdade. Mário Filho, o pai do nosso jornalismo esportivo e torcedor declarado do Fluminense, dizia que todos nós que gostamos de futebol e somos cariocas torcemos um pouquinho pelo Flamengo. Para um vascaíno, como eu, é uma afirmação dolorosamente verdadeira. Mas é verdadeira. Portanto, por mais isenção que se procure, somos todos um pouco mangueirense.

Mas eu não sou torcedor que deseja ver a Estação Primeira chegar sempre na frente das outras. Dou a minha palavra de honra que não quero sempre que vença quem merece. Eu sou a Mangueira de Dona Neuma e Cartola, de

Neide e Carlos Cachaca, de Mocinha e Padeirinho, de Tinguinha, de Waldomiro, de Preto Rico, de Pelado, de Jurandir, de Sinhozinho e até de Delegado que anda meio brigado com a Mangueira. Meu Deus do céu! Quem pode gostar do samba carioca, das escolas de samba e deixar de amar essa gente?

Esse mesmo amor dedico a Manaceia e Candeia, a Wilma e Walter Rosa, a João Calça Curta, Paulinho da Viola, Zé Ketí, Tijolo, Alvaia-de, Alberto Lonato, Noca, Picolino e tantos outros que fazem a glória da querida Portela. Será que gostar de Ivone Lara, Mano Décio da Viola, Mestre Fuleiro e do mestre-sala Jamelão significa uma confissão de imperiano? Ou de Geraldo Babão, Djalma Sabiá, Isabel Valença, Anescarzinho, etc., é ser salgueirense? Martinho da Vila — que divide com o jornalista Mauricio Azedo o título de melhor caráter que já conheci — é um dos meus melhores amigos. Mas em 1975 disse na televisão que o samba da Unidos de Vila Isabel estava atravessado. O que é que tem uma coisa com a outra?

Assim, não tenho nada a esconder. Fiz com o portelense Rildo Hora o samba «Os meninos da Mangueira» por puro amor pela Mangueira, pela Estação Primeira. Foi em solidariedade a ela. Foi para dar a ela um milímetro a mais de projeção se é que ela precisa disso. O samba foi, enfim, uma declaração de amor.

A primeira reunião

Angenor de Oliveira (Cartola)

Agora eu vou contar coisas que eu nunca contei a ninguém, todo mundo é fundador, mas eu vou dizer coisas que eu sei.

A primeira reunião da Estação Primeira foi na casa da Joana Velha, mulher de Euclides, pai do João Cocada e da Aurora que ainda está morando no Buraco Quente. O Cocada ainda é vivo, eles dois já morreram.

Era o Sainclair, marido da Aurora, o Euclides, marido da Joana Velha, eu, o Saturnino, Marcelino, Zé Expinelli, o falecido Abelardo, Clemente, já falei em Ismar, tem mais gente. Fizemos a primeira reunião, aí foi escolhido o nome, que era o nome que vinha do meu samba - Chega de Demanda - esse Samba fazia alusão à Estação Primeira.

Saturnino, primeiro presidente da Mangueira e um grande presidente, como foi dito, trabalhou demais pela Mangueira, isso é inegável. Era um homem de sair da repartição, pular o muro, para vir cantar aqui, arriscar a perder o emprego por causa da Mangueira.

Pois bem, aí, vai chegando o carnaval, nós marcamos o ensaio, mas não tínhamos onde ensaiar. Não havia terreiro, mas existia, na Travessa Martins, atrás da casa da Joana Velha, se não me engano, onde morava Abelardo Bolinha, um terreirozinho. Ele aumentou o terreno e fomos ensaiar o primeiro carnaval...

Ali, nós ensaiamos aquele ano todo, fizemos o nosso carnaval com pouquinha gente, poucas pastoras, quase nenhuma, porque ninguém acreditava na gente, nós éramos bagunceiros mesmo.

No ano seguinte começamos a organizar coisa melhor. Muito bem, ali nós ensaiamos uns dois ou três anos no terreiro do Abelardo. Nesse meio tempo, o Abelardo arranjou uma casa lá no Encantado, nós ficamos sem lugar para ensaiar. Abelardo faz parte da história da Mangueira.

E onde é que nós vamos ensaiar?...
(trechos da gravação do depoimento prestado por Cartola, em 13/4/75 aos diretores da Mangueira, Alberto Pontes e Sebastião Setúbal)

A partir deste Carnaval, fica instituído o Troféu "Mestre Marcelino", escultura em bronze de Bruno Giorgi, que será outorgado ao melhor Mestre-Sala das Escolas do 1º Grupo. O Troféu, que leva o nome do inesquecível Mestre-Sala da Estação Primeira da Mangueira, é doado por Eugênio Agostini, e tem como patrono Adelson Alves, que também presidirá o Júri responsável pela escolha da Escola vencedora. Do Júri participarão, também, Cartola, Carlos Cachaça, Alvarenga e Manacéia, compositores da Mangueira e da Portela.

(Foto do troféu na 4ª capa)

DIRETORIA

Presidente: DARQUE DIAS MOREIRA

Vice-Presidente: HOMERO JOSÉ DOS SANTOS

Departamento de Finanças	1º-Vice – RAIMUNDO DE CASTRO 2º-Vice – ULISSES GOMES DA COSTA
Departamento de Comunicações	1º-Vice – CARLOS ALBERTO DÓRIA 2º-Vice – ELI GONÇALVES DA SILVA
Departamento Social	1º-Vice – MOACYR CASTELO BRANCO 2º-Vice – MARIA JOSÉ CASAL
Departamento Jurídico	1º-Vice – ALCYONE VIEIRA PINTO BARRETO 2º-Vice – JOEL NOBRE DE ALMEIDA
Departamento de Divulgação	1º-Vice – PERCIVAL PIRES 2º-Vice – ALBERTO MIRANDA
Departamento Cultural	1º-Vice – CARLOS AFONSO V. DOS ANJOS 2º-Vice – ALBERTO PONTES
Departamento de Patrimônio	1º-Vice – JOSÉ RAMOS 2º-Vice – WALDYR DE ALMEIDA
Departamento Feminino	1º-Vice – NEUMA GONÇALVES DA SILVA 2º-Vice – MARIA HELENA COUTINHO
Departamento de Esportes	1º-Vice – AGRINALDO SANTANA 2º-Vice – UBIRACI FERNANDES DA SILVA
Departamento de Harmonia	1º-Vice – OLIVÉRIO FERREIRA 2º-Vice – GENESIO PEREIRA
Procuradores	1º-Vice – ARNALDO FELIX DE SOUZA 2º-Vice – SEBASTIÃO PEREIRA

CONSELHO FISCAL

Presidente: JOSÉ ANANIAS DE MARCELO
WALTER POLICARPO
MÁRIO SOARES BERNARDINO
OTÁVIO JOSÉ DE MOURA
SIDNEY RAMOS
MAURÍCIO DA CONCEIÇÃO

Representantes na AESERJ

ED MIRANDA ROSA
FLORISVAL DE SOUZA SANTOS

Presidente de Honra: JUVENAL LOPES

ASSESSORES
SANDRO MOREYRA
SEBASTIÃO SETUBAL
CICERO SILVA ARAUJO
MARIA JULIA GOLDEVASSER
BERNARDO GOLDEVASSER

Troféu Mestre Marcelino

